



AFETIVIDADE, RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO, APRENDIZAGEM: REFLEXÕES SOBRE A TRÍADE

Kátia Farias Antero¹

João Paulo da Silva²

Marcos Michael Gonçalves Ferreira³

Resumo: Atualmente é perceptível mudanças significativas no contexto social e que acabam interferindo nas ações humanas que, conseqüentemente, resplandece nas crianças que estão sendo inseridas nas escolas. Mudanças como: falta de tempo familiar junto à escola, distorções de valores e comportamentos de todos os sujeitos que formam a escola como a família, alunos e professores. O que desencadeia em novos padrões de relacionamentos. Nesse contexto, esse trabalho tem como objetivo destacar a importância da afetividade e da relação entre professor e aluno, como estímulo para o processo de aprendizagem. A pesquisa foi realizada em uma escola pública na cidade de Caturité - Paraíba, mais precisamente na comunidade de Currálinho. Participaram como sujeitos da pesquisa uma professora e 14 alunos de ambos os sexos da turma do 3º ano. Para desenvolvermos essa produção, realizamos pesquisa in lócus com observações diárias durante todo o primeiro semestre deste ano. Baseamos nossos estudos com base nos estudiosos que produzem sobre essa temática. A pesquisa nos revelou que o modo como o professor se aproxima e se relaciona com o aluno de maneira afetiva propicia uma aprendizagem mais significativa e professor tem maior possibilidade de trabalhar individual com aluno de maneira mais próxima.

Palavras-chave: Afetividade, aprendizagem, estímulo, relação e aluno.

¹ Doutoranda em Educação, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPq. E-mail: professorakatiaantero@hotmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela UFRN, professor pesquisador do IFPB- Campus Patos, coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPq.

³ Pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Cultura e Diversidade – NUPEDI/IFPB – CNPq. (83) 3322.3222.



Introdução

Indiscutivelmente compreendemos que a escola é um espaço no qual a interação entre as pessoas devem acontecer proporcionando através delas reflexões sobre diversos aspectos da vida. O ato de refletir conduz a criança a formar seu senso crítico de modo que possa intervir e transformar no meio social.

Nesse contexto, a figura docente ocupa lugar primordial no processo ensino – aprendizado e junto a isso, acredita-se que a afetividade que os professores demonstram ter com seus alunos estimula de forma significativa na aprendizagem. Assim, o aluno precisa se disponibilizar a querer aprender porque a aprendizagem é intrínseca ao ser humano.

Partindo desse aspecto, acredita-se que o professor ocupa um lugar importante como estimulador para que a aprendizagem aconteça. Dessa forma, a afetividade requer atenção do processo educacional principalmente nos primeiros anos que a criança frequenta a escola, uma vez que partindo dela haverá desvendamento de comportamento humano e o reconhecimento de suas emoções, e, conseqüentemente, respaldam na aprendizagem.

À medida que o professor se disponibiliza em oferecer aulas mais atrativas e participa com o aluno no processo de aprendizagem, faz com que a criança entenda que todos aprendem independente de ser adulto ou infantil. A partir disso, constrói-se um espaço de aprendizagem onde todos são importantes e as situações que surgem no contexto escolar são consideradas importantes.

Compreende-se que cada criança é um ser único e inigualável e como tal merece atenção individual onde haja respeito e afeto entre as partes, assim o ato de aprender acontecerá de maneira espontânea e prazerosa. Se a afetividade estiver atrelada nesse processo, haverá dividendos muito mais significativos, pois faz parte de uma construção.

Nesse contexto, pretendemos destacar o quanto essas três vertentes: afetividade, relação professor e aluno e a aprendizagem estão relacionadas e acabam propiciando melhores resultados quando agregados a prática pedagógica significativa.

Afetividade e aprendizagem: algumas reflexões

A afetividade tem estreita relação com a aprendizagem e com os sujeitos que formam a escola. Isso requer do professor a busca de como viabiliza da melhor forma para que esse processo aconteça compreendendo que o caminho se movimenta do interno para o externo. Por isso, a necessidade do outro para que as relações aconteçam. De acordo com Antunes (2006) a afetividade é:



Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduzem amor. (ANTUNES, 2006,p. 5)

Por muito tempo a relação professor e aluno junto a afetividade foi completamente desconsiderada. O ato não era considerado importante para que a aprendizagem acontecesse. Diferentemente da atualidade. Reforçando essas informações, destacamos que:

O modelo de relação pedagógica dominante nos tempos modernos “abafou”, durante muito tempo, a expressão da afetividade, uma vez que o ideal de relação assentava na transmissão do saber [conhecimento sistemático] e no distanciamento entre o mestre e o aluno. (AMADO; FREIRE, CARVALHO, ANDRÉ, 2009, p.76).

Muitas ações simples podem ser realizadas pelo professor que despertam a atenção do aluno no lado afetivo. Dentre elas podemos citar o fato de o professor se baixar para falar com a criança olho no olho; de ouvi-la quando fala, pois a criança se sente importante e que sua fala também o é; chamar o aluno por seu próprio nome; elogiar os pontos positivos da criança destacando seus acertos; oportunizar a oralidade; promover atividades interativas em grupo e com o professor.

A escola [pode ser] um ambiente em que a ação do professor deve exercer a afetividade, pois é um ambiente de ensino aprendizagem no qual há uma pluralidade cultural em que oportuniza uma direção para construir significados para com o professor e o aluno, ou seja, esse ambiente do ensinar e aprender [deve ser] construído pelo professor para a participação dos alunos nos projetos pedagógicos da escola deve tornar-se atrativo para aquele que aprende e estimulante para o que ensina. (BARBAN, 2014, p.10)

Nesse contexto, entende-se que a afetividade não se limita apenas ao contato físico, tátil, mas a maneira como os sujeitos aluno e professor interagem, como se comunicam, se comportam, e todos esses aspectos refletirão na aprendizagem.

Quando o professor reconhece a individualidade e a forma ímpar referente ao relacionar com cada criança, automaticamente sua prática pedagógica também acaba se modificando porque compreende que o ato de aprender não é referente apenas à parte cognitiva, pois, sem dúvida, a afetividade é importante

para a vida escolar do ser humano e para suprir todas as expectativas que surgem nesse decorrer, o professor precisa se capacitar e estar atento para tentar resolver as problemáticas que surgem e que envolvem o lado afetivo da criança.

Portanto, a interação do indivíduo com o outro e com o objeto de conhecimento é mediada pela emoção, é ela a responsável pela socialização do indivíduo, pela formação da personalidade do mesmo, da construção da consciência de si. Por meio da emoção que a criança supera a dependência do outro e prossegue construindo seu conhecimento, “alimentando-se da cultura”, como um sujeito ativo. (DIAS, 2012, p.08).

Como exemplo sobre a informação supracitada, temos muitas crianças que acabam tendo uma aversão à escola justamente porque esse processo de afetividade não foi estabelecido desde seus primeiros anos de vida e isso resulta em uma carência, principalmente pelo fato de muitas famílias não se fazer presentes nem na afetividade e muito menos na vida escolar do filho.

A afetividade é um elemento fundamental nas relações interpessoais presentes na sala de aula, pois ela surge da interação entre alunos e professores. Ao interagir com as crianças [...] o aluno constrói valores e adquire novos conhecimentos a partir do que o outro sabe [...] e desenvolve-se em todos os aspectos: cognitivo, social, afetivo e motor (VIEIRA, 2004, p.9).

Ensinar se difere de transmitir conhecimento. Hoje, compreendemos que não só o professor ensina, mas o aluno também transmite conhecimentos ao professor. Portanto, cabe ao professor buscar o interesse do aluno na compreensão dos valores e aplicá-los no meio social, respeitando e valorizando os saberes dos outros. Assim, quanto mais o professor estimular o aluno a comunicação, a afetividade e o conhecimento, mais interesse haverá por parte do aluno em buscar aprender.

Nesse contexto, a prática pedagógica precisa fazer a diferença possibilitando que a criança tenha autonomia, seja um cidadão crítico e participativo. Por isso, as atividades que são oferecidas aos alunos precisam suprir as deficiências da aprendizagem de cada aprendiz. Para tanto, a escola precisa enxergar e considerar a individualidade de cada criança e a partir delas organizar as metodologias que são aplicadas. Nesse contexto, é interessante o olhar da escola para auxiliar ao professor, uma vez que não é responsabilidade apenas do professor oferecer as melhores condições de ensino e aprendizado. Conforme é exposto por Paulo Freire:



Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (FREIRE, 2015, p.41).

O estímulo está diretamente relacionado à comunicação. Há diversas formas para que haja comunicação. Dentre elas destacamos a maneira como o professor olha para o aluno. Essa relação estabelecida entre o sujeito docente e a criança é permeada por diversos gestos e são transformados em informações que o outro compreende automaticamente. A forma como o professor olha para o aluno faz com que este compreenda se é um olhar de repúdio, observação, atenção, alegria, aprovação.

Metodologia

Para que essa pesquisa acontecesse e os objetivos serem alcançados, realizamos pesquisa bibliográfica e também análise de campo. Na ocasião, verificamos as ações afetivas desenvolvidas pela professora da turma do 3º ano composta por 14 alunos do turno da tarde da Escola Municipal José Cabral de Sousa Filho, localizada no município de Caturité – Paraíba.

Como recursos, para efetiva investigação, utilizamos: conversas informais, observação in lócus, anotações em diário de campo, leituras teóricas, registros de atividades através de máquina fotográfica. A pesquisa durou todo o período do primeiro semestre de 2017.

Resultados e discussão

Importante destacar que a professora sempre se dispôs a contribuir com a pesquisa e convidava frequentemente a pesquisadora deste trabalho para desenvolver estudos relacionados a diversos aspectos apresentados em sua turma.

Com mais de 30 alunos matriculados na escola foi resolvido distribuí-los em duas turmas. A professora sujeito de nossa pesquisa acabou ficando com os alunos que apresentavam um grande numero de chamados da família para comparecer a escola no ano anterior e que tinha muito problema de comportamento e também de aprendizagem. Inclusive, esses alunos pertenciam a famílias que não compareciam à escola e muito menos eram parceiras em ajudar a escola na formação dos seus filhos.

As aulas iniciaram com uma proposta diferente do que se costumava ver na escola. O primeiro dia de aula não foi apenas para que os alunos

conhecessem nova professora e conhecessem os novatos da turma, mas um momento que a docente oportunizou de falarem sobre seus gostos, sua família, sobre diversos assuntos que de algum forma desse respaldo a professora para que elaborasse projetos de intervenções para com os alunos e família.

Desenvolvendo suas aulas sempre falando em tom baixo, a professora procura demonstrar através de suas práticas do cotidiano escolar algumas ações que eles tomassem como referencia.

Quando algum aluno fazia algo que não devia ou falava algo inadequado com alguma brincadeira impertinente, a professora não chamava atenção diante da turma. Chamava o aluno em particular e de maneira firme e muito afetiva procurava conversar com a criança levando-a refletir sobre o que fez e ao final sempre concluía suas conversas dando abraços.

Como a maioria dos alunos não tinha compromisso com as tarefas de casa, a professora teve a ideia de entregar um caderno para cada aluno com a identificação e capa padronizada para que fosse registrado tudo o que a criança fez durante a aula e qual a atividade de casa que deveriam realizar. Para tanto, os alunos deveriam trazer a atividade de casa respondida e, no caderno que denominaram como agenda, conter a assinatura diária dos pais ou responsável comprovando que a família está sendo parceira nesse processo.

Todas as ações que a professora desempenhava eram permeadas por muita afetividade e isso fez com que durante todo o semestre a turma conseguisse melhorar em diversos aspectos. Um deles foi a aprendizagem.

Um fato que chamou-nos atenção é que os alunos não gostam quando chega o dia da sexta-feira porque expressam sua angústia em ficar longe da “tia” e quando chega a segunda feira, começam os estudos com a maior dedicação. Prontos para mostrarem a agenda com a assinatura dos pais e atividade realizada.

Para incentivar mais ainda a aprendizagem e também do comportamento dos alunos, a professora criou um quadro que denominou de “Campeões do comportamento”. No quadro estão explícito os dias da semana e do lado o nome de cada criança da turma. Há três tipos de carinhas feitas de E.V.A , sendo a de cor verde, carinha feliz, significando que o aluno teve um bom comportamento naquele dia. A carinha de cor amarela significa que o aluno precisa ter atenção porque o comportamento não está legal. Já a carinha de cor vermelha remete saber que não houve um bom comportamento do aluno. Ao final, o aluno que conseguiu a carinha feliz durante toda a semana, a professora coloca ao final, uma estrela. Significando que a criança teve um excelente comportamento durante

toda a semana. E como todas querem a estrelinha, então durante toda a semana procuram se comportar da melhor forma possível.

A professora também procurar inovar bastante suas práticas fazendo com que o aluno além de se sentir acolhida, sinta-se sujeito que constrói a aula, portanto, aprendizagens contextualizadas, o uso do concreto, são ações que estimulam ao aprendizado das crianças.

Os relacionamentos também foi outro fator que chamou-nos atenção na pesquisa. Além dos discentes apreciarem a professora, é notório o gosto de apressado da família pela figura da docente, uma vez que os pais relataram que quando é fim de semana as crianças relatam apenas que querem voltar para escola para estudar com “Tia Idalice”. Para estreitar mais ainda esse vínculo alunos, professora e família, a professora criou um grupo do whatsapp integrando todos onde eles têm a oportunidade de discutir sobre as atividades, comportamentos, desempenhos, quaisquer ajuda que qualquer membro do grupo necessite é por ali que se comunicam. Além dos assuntos pedagógicos observamos a quantidade de recadinhos das crianças para a professora dizendo a amava, que sentia sua falta (isso no fim de semana e até a noite quando a pouco tinham tido aula a tarde).

A professora com sua forma de se achegar a cada criança respeitando seus limites e estimulando a aprendizagem através das relações de afeto conseguiu uma notável transformação na vida de uma das crianças, em destaque, que era conhecido como o mais inquieto de toda a escola. Esse infante passou não só a gostar de ir à escola, mas a se dar bem com todos que a constrói.

Em algumas visitas, percebemos o cuidado que a professora tinha com o trabalho voltado para os valores, a valorização e respeito ao outro, e o mais significativo foi saber que os pais chegavam à escola relatando a mudança de seus filhos em casa também e que tinham aprendido com a professora. Ficou muito claro que as ações na sala de aula apresentaram um cunho social e fez a diferença na família.

A maneira como os alunos se dirigiam a um adulto para falar alguma coisa ou até mesmo quando um ajudante do dia se dirigia até a secretaria para pegar algum material, simplesmente chamava atenção por tamanha educação prestada. Palavras como: boa tarde! Por favor! Com licença, passaram a fazer parte da linguagem oral das crianças até em casa.

A forma com a docente desenvolvia suas atividades chamava atenção de toda a escola. Era claro que valorizava cada aluno como sujeito único e como tal deveria receber sua atenção individualizada. Alguns conteúdos trabalhados e projetos realizados na escola, os corpo docente já criava uma expectativa em descobrir

o que essa professora faria. Isso porque “tia Natalice” apresentou uma feira de magaio, realizou piquenique, dentre outras ações que acabavam chamando atenção até dos alunos das demais series que queriam também que suas professoras desenvolvessem atividades da mesma forma.

Nas datas comemorativas do semestre, costumava fazer os trabalhos referentes, mas também dava lembrancinhas aos alunos ou construía algo concreto com eles, que ficavam felizes e sentiam prazer em demonstrar o que fizeram aos pais.

Em algumas vezes, no corredor da escola, percebemos alguns professores constrangidos por essa docente desenvolver aulas tão atrativas e eles não. Por os alunos das outras turmas irem observar o que a turma do 3º ano estava fazendo com a professora. Os alunos passaram a ter curiosidades sobre o que essa turma fazia.

O diálogo que a professora constantemente tinha com os pais e alunos era cotidiano. A família passou a comparecer nas reuniões de pais, ser parceira da professora e até se preocupar em justificar a ausência que por vez aconteceu do seu filho na escola.

Ainda, destacamos a relevância que a tia Natalice dava a questão do afeto, a valorização da amizade, fazia a diferença. Esse fato deveria ser demonstrado a todos que faziam parte do cotidiano das crianças. Elas passaram a não ter vergonha em abraçar, beijar, se expressar, não só com seus pais, mas com todos que formavam a escola.

Conclusão

Todas as etapas realizadas durante as observações forma de extrema relevância para que o objetivo proposto fosse alcançado. A professora que fez parte da pesquisa enquanto sujeito se prontificou a esclarecer todas as dúvidas que pudesse ocorrer durante o processo de análise.

Muitos professores apresentam resistência em demonstrar afetividade com suas crianças acreditando que se assim o fizerem irá perder a autoridade em sala de aula. Sabemos que isso não condiz com a verdade, pois esse não é o caso da professora investigada.

Acreditamos que o papel do professor, definitivamente, faz a diferença na vida de uma criança e que quando o docente se dispõe a fazer essa diferença no processo de ensino e aprendizado grandes resultados podem ser alcançados.

Observamos a presença familiar na escola independentemente se reunião de pais e mestres, o que fortaleceu ainda mais os laços entre família e escola e ainda passa uma mensagem implícita a criança que todos se preocupam com seu aprendizado.

Durante o processo investigatório, verificamos que nenhum aluno deixou de realizar a atividade de casa e ao chegar à escola a primeira atitude que tinham era colocar na mesa da professora suas agendas para que a mesma além de verificar a assinatura dos pais também assinava.

Percebemos que a afetividade ocupa um lugar ímpar na aprendizagem da criança. Isso fica evidente no discurso das crianças quando relatam sobre a alegria que sentem quando a professora vê que as atividades estão realizadas e eles estão bem comportados. É uma satisfação recíproca.

Referencias bibliográficas

AMADO, JOÃO; FREIRE, I.; CARVALHO, ELSA; ANDRÉ, MARIA JOÃO. O lugar da afetividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. Sísifo. **Revista de Ciências da Educação**, v.08, p. 75-86, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Isabel_Freire3/publication/28320319_O_lugar_da_afetividade_na_Relao_Pedaggica_Contributos_para_a_Formao_de_Professores/links/544050360cf2fd72f99dd589.pdf. Acesso em 18/08/2017.

ANTUNES, C. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.

BARBAN, K. S. **Afetividade na relação professor aluno: recurso mediador entre aprendizagem e desenvolvimento**. 2014. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Pedagogia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

DIAS, P. D. de A. **A afetividade na relação professor-aluno e sua influência no processo de ensino e aprendizagem**. Anais da Semana de Pedagogia da UEM. Volume 1, Número 1. Maringá: UEM, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

VIEIRA, R. M. de S. **Afetividade e Aprendizagem**. Artigo. Orientadora Prof. Mary Sue. Julho 2004